

de Cr\$ 3 mil (três mil cruzeiros) por minuto, reajustáveis, conforme o estabelecido na portaria interministerial sobre o assunto”.

Do Departamento de Curta-Metragem da Embrafilme, reivindicou que fosse estipulado um teto máximo reajustável de Cr\$ 60 mil (sessenta mil cruzeiros) e de um mínimo de Cr\$ 30 mil (trinta mil cruzeiros) para filmes prontos em 16 e 35mm, assim como a definição de critérios para “tais variações de avanço”, a definição de normas para o “atendimento de filmes de 16 e 35mm no copião”, a ampliação dessa ajuda e que os pedidos sejam “atendidos pelo Departamento rigorosamente conforme a sua ordem de entrada”.

O Conselho pleiteou, ainda, a oficialização do documento assinado durante a VII Jornada Brasileira de Curta-Metragem, realizada em Salvador, em 1978, sobre os contratos de venda de direitos de contratipagem e a viabilização, pela Embrafilme, da criação ou ativação do projeto dos pólos cinematográficos regionais, visando à urgência da regionalização da produção do curta-metragem. Defendeu a necessidade de serem implantados ainda este ano os pólos do Ceará, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Pará e Paraná e a importância da consolidação dos convênios firmados com as ABDs de Minas Gerais e São Paulo, “através do aporte contínuo de recursos”.

Além de solicitar à Embrafilme um apoio especial à divulgação dos festivais de curta-metragem e para a realização de reuniões de classe, simpósios e debates com documentaristas e pesquisadores, o Conselho Nacional de Dirigentes da ABD chamou a atenção

das autoridades “para a importância potencial da formação de novos mercados para o curta-metragem, não só como fontes alternativas de remuneração para o produto, mas, principalmente, pela sua importância na preparação e educação de novos públicos, com ênfase especial para os trabalhos dos cineclubes, universidades e escolas, cada vez mais receptivos à assistência, compreensão e debate dos filmes culturais brasileiros”.

AMBRÓSIO FREGOLENTE (1912-1979)

Vítima de um enfarte do miocárdio, morreu, no dia 19 de março último, em sua residência na cidade de Mendes, Estado do Rio de Janeiro, o médico e ator de cinema, teatro e televisão Ambrósio Fregolente, que contava 66 anos de idade, a maior parte dos quais dedicada à vida artística. Nascido em São Paulo, no dia 15 de outubro de 1912, chegou ao Rio de Janeiro para cumprir uma promessa feita à mãe: formar-se em Medicina. Mas só veio a formar-se médico (psiquiatra) em 1965, com 53 anos, após 21 de estudos.

Conciliando suas atividades de médico e ator, participou de vários filmes e peças teatrais. Na televisão, atuou em algumas novelas, como *Dona Xepa*, *Sinhazinha Flor*, *Dancin' Days*, etc. Era também pintor, músico e funcionário público aposentado. Em 1975, recebeu o título de *Cidadão do Estado da Guanabara*, concedido pela Assembleia Legislativa do então Estado da Guanabara.

No cinema, atuou em mais de 60 filmes, na maioria deles representando papéis cômicos. Estreou em 1947 no filme *Sempre Resta uma Esperança*, de Nelson Schult. Seu último trabalho foi em *Gargalhada Final*, realizado por Xavier de Oliveira, em 1978. Na véspera de sua morte, o artista recebeu em sua residência, em Mendes, um grupo de cineastas, ocasião em que fez um relato completo sobre suas atividades artísticas e sobre sua vida, para a produção de um documentário de curta metragem. Em 1974, foi um dos candidatos ao Prêmio INC e troféu *Coruja de Ouro*, na categoria de Melhor Ator, pela sua interpretação no filme *Sedução*, de Fauzi Mansur.

FILMOGRAFIA — *Sempre Resta uma Esperança*, de Nelson Schult, 1947; *Mulher de Longe*, de Lúcio Cardoso — inacabado; *Almas Adversas*, de Léo Marten, 1949; *Estrela da Manhã*, de Jonald; *Não é Nada Disso*, de José Carlos Burle; *A Sombra da Outra*, de Watson Macedo; *Aglaia*, de Ruy Santos — inacabado, 1950; *Tocaia*, de Eurides Ramos; *Coração Materno*, de Gilda de Abreu; *Garota Mineira*, de Leopold Somporn (João H. Leopoldo), 1951; *Três Vagabundos*, de José Carlos Burle; *Brumas da Vida*, de Eurides Ramos; *Noivas do Mal (Moças Desesperadas)*, de Jiri Dusek; *O Preço de um Desejo*, de Aloisio T. de Carvalho, 1952; *Balança, Mas Não Cai*, de Paulo Wanderley, 1953; *Marujo Por Acaso*, de Eurides Ramos; *Rua Sem Sol*, de Alex Vianny, 1954; *O Barbeiro Que Se Vira*, de Eurides Ramos; *Absolutamente Certo!*, de Anselmo Duarte, 1957; *Minha Sogra é da Polícia*, de Aloisio T. de Carvalho, 1958;



Fregolente em Bonitinha, Mas Ordinária (1963), de J. P. de Carvalho.

O Homem do Sputnik, de Carlos Manga, 1959; *Cidade Ameaçada*, de Roberto Farias; *Só Naquela Base*, de Ronaldo Lupo, 1960; *O Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias, 1962; *Bonitinha, Mas Ordinária*, de J. P. de Carvalho, 1963; *Asfalto Selvagem*, de J. B. Tanko; *Os Selvagens (Die Goldene Göttin vom Rio Beni — Duelo en el Amazonas)*, de Eugenio Martin e Francisco Eichhorn, co-produção Alemanha-Espanha / Brasil-França, 1964; *O Beijo*, de Flávio Tambellini; *Crônica da Cidade Amada*, de Carlos Hugo Christensen, 1965; *Paraíba — Vida e Morte de um Bandido*, de Victor Lima, 1966; *O Mundo Alegre de Helô*, de Carlos Alberto de Souza Barros, 1967; *Enfim Sós. . . Com o Outro*, de Wilson Silva; *O Homem Que Comprou o Mundo*, de Eduardo Coutinho; *A Virgem Prometida*, de Iberê Cavalcanti, 1968; *As Duas Faces da Moeda*, de Domingos Oliveira; *Os Paqueras*, de Reginaldo Faria; *A Penúltima Donzela*, de

Fernando Amaral; *Anjos e Demônios*, de Carlos Hugo Christensen, 1969; *O Bolão*, de Wilson Silva; *O Donzelo*, de Stefan Wohl; *Um Uísque Antes... e um Cigarro Depois*, de Flávio Tambellini, 1970; *Como Ganhar na Loteria Sem Perder a Esportiva*, de J. B. Tanko; *Romualdo e Juliana*, de André Williême, 1971; *Viver de Morrer*, de Jorge Ileri, 1972; *Vai Trabalhar Vagabundo!*, de Hugo Carvana, 1973; *Ainda Agarro Esta Vizinha*, de Pedro Carlos Rovai; *Sedução*, de Fauzi Mansur, 1974; *Aventuras d'um Detetive Português*, de Stefan Wohl; *O Casamento*, de Paulo Porto; *O Padre Que Queria Pecar*, de Lenine Ottoni, 1975; *O Ibraim do Subúrbio* (1º episódio), de Astolfo Araujo; *O Mulherengo*, de Fauzi Mansur, 1976; *Ajuricaba*, de Oswaldo Caldeira; *Um Marido Contagioso*, de Carlos Alberto de Souza Barros, 1977; *Anchieta, José do Brasil*, de Paulo César Saraceni; e *Gargalhada Final*, de Xavier de Oliveira, 1978.

(Michel do Espírito Santo)

ELIÉZER GOMES (1920-1979)

Com a idade de 58 anos, faleceu, no dia 12 de fevereiro, no Rio de Janeiro, o ator Eliézer Gomes, o Tião Medonho do filme *O Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias (1962). Nascido em Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro, no dia 2 de abril de 1920, ficou órfão aos 16 anos. Para sustentar os sete irmãos mais moços, ele trabalhava numa loja de ferragens durante o dia e na estiva, à noite.

O trabalho no cinema começou com o conselho de um desconhecido, na rua — ele o deteve e lhe disse que devia candidatar-se ao papel de Tião Medonho. Foi o que fez Eliézer: submeteu-se aos testes e, quando não pensava mais no assunto, foi chamado pelo cineasta Roberto Farias, para iniciar as filmagens de *O Assalto ao Trem Pagador*. O filme fez sucesso, e ele foi enviado pelo Itamaraty para participar do Festival de Cannes e chegou a receber convite para filmar na Europa. Em 1966, novamente o Itamaraty mandou-o para um Festival de Arte Negra, na África, e ele tornou a receber convites para trabalhar no estrangeiro, em particular na Itália.

Seu último filme foi *O Anjo da Noite*, de Walter Hugo Khouri, em 1974. Depois se aposentou — era funcionário público do Estado. Dia 10 de fevereiro foi levado à clínica médica do Hospital Souza Aguiar e internado com sintomas de diabete. O derrame cerebral matou-o dois dias depois.

Era um dos grandes atores negros do cinema nacional, ao lado de Grande Otelo, Antônio Pitanga, Milton Gonçal-